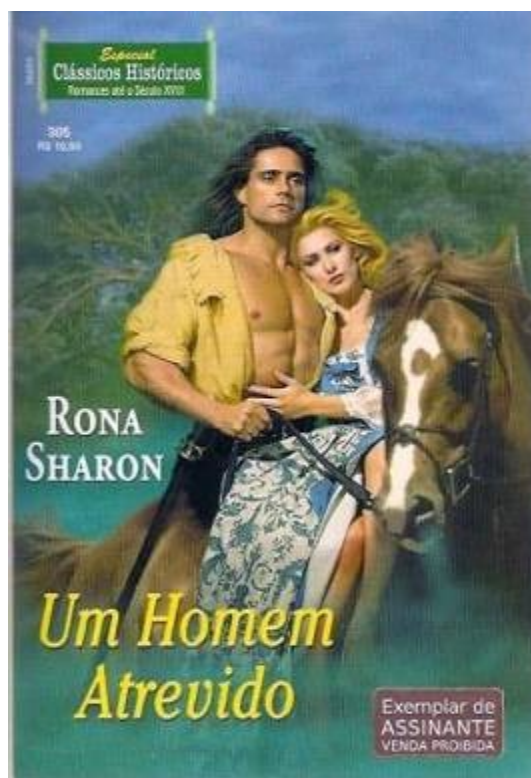


Um Homem Atrevido

Rona Sharon



Caribe, 1705

Tudo começou com um beijo atrevido...

Alanis era, sem sombra de dúvida, o tesouro mais precioso e exótico que o príncipe Stefano Sforza poderia sonhar em conquistar. Os motivos dele, porém, eram bem mais secretos do que a velada promessa de possuir o corpo tentador daquela jovem voluntariosa. Navegar pelas águas cor de turquesa dos mares do Caribe era apenas um meio para alcançar seu principal objetivo: reivindicar o que lhe pertencia por direito... e cobrar uma dívida de sangue daqueles que o haviam traído.

Confortavelmente noiva de um aristocrata, Alanis não fazia idéia das inebriantes emoções envolvidas no verdadeiro jogo de sedução... jogo que o enigmático príncipe parecia adorar fazer com ela. Arrebatada numa aventura que em pouco tempo revelaria o cavalheirismo e o caráter sob a aparência cruel e implacável, Alanis sentiu que pouco a pouco se rendia ao sensual fascínio de seu captor...

[Visite o Blog Viciados em Romances Históricos.](#)

Rona Sharon - Um Homem Atrevido (CHE 305)

Digitalização e Revisão: Crysty

Rona Sharon - Um Homem Atrevido (CHE 305)

Copyright © 2006 by Rona Sharon
Originalmente publicado em 2006 pela Kensington Publishing Corp.
PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.
NY, NY - USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da Editora Nova Cultural Ltda.

TÍTULO ORIGINAL: My Wicked Pirate
EDITORA Leonice Pomponio
ASSISTENTES EDITORIAIS Patrícia Chaves Silvia Moreira
EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Silvia Pomanti Revisão: Giacomo Leone
ARTE
Mônica Maldonado
ILUSTRAÇÃO Hankins + Tegenborg, Ltd.
MARKETING/COMERCIAL
Andréa Riccelli
PRODUÇÃO GRÁFICA
Sônia Sassi
PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.
© 2008 Editora Nova Cultural Ltda.
Rua Paes Leme, 524 - 10 andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP
www.novacultural.com.br
Premedia, impressão e acabamento: RR Donnelley

Capítulo I

Índias Ocidentais, Setembro de 1705

Rona Sharon - Um Homem Atrevido (CHE 305)

As fortes batidas à porta do camarote despertaram Alanis. Entorpecida de sono e do intenso aroma de sal e mar a se derramar pelas vigias abertas, ela se sentou na cama esfregando os olhos.

— Minha dama, posso entrar? É urgente! — exclamou John Hopkins, primeiro-imediato do *Berilo Rosado*.

Após trazer as cobertas até o alto do peito, Alanis deu um profundo suspiro.

— Sim, sr. Hopkins. Entre.

A porta se abriu. Além de despejar claridade na cabine tomada pela penumbra, o lampião que Hopkins trazia também ressaltava a preocupação no seu semblante. Mas antes que o imediato tivesse tempo para abrir a boca, ouviu-se o troar de canhões e, um segundo depois, um petardo atingiu o costado do navio, fazendo a embarcação pender para o lado. Arremessada de encontro aos travesseiros, Alanis ofegou em meio aos gritos dos oficiais na proa, à barulheira que os marujos faziam ao correr para o convés, ao fragor de armas de fogos.

— Com mil demônios! — Hopkins fora parar de joelhos junto à cama. — A senhorita está bem?

— Sim... — Ela arfou. — Mas o que...

— Piratas estão nos atacando, minha dama. Precisamos tirá-la deste navio. — Pondo-se em pé, Hopkins alisou o uniforme da Marinha. — Desculpe-me pelo atrevimento, mas a senhorita tem de se apressar a se vestir, pois dentro de minutos eles estarão aqui. Não temos como enfrentá-los; eles estão a bordo de uma fragata fortemente armada. É minha obrigação colocá-la fora de perigo.

Fora de perigo? Mas, como?, indagou-se Alanis, olhando para as vigias. Estavam rodeados de mar e noite por todos os lados, e já bem próximo deles assomavam os contornos de uma embarcação imensa, com a boca de seus canhões fumegando e silhuetas a correr pelos conveses nos preparativos para abordar o *Berilo Rosado*. Para onde ir?

— Hasteie a bandeira branca, tenente! — Jogando as cobertas de lado, saltou da cama e enfiou os pés nas botinhas de cano curto. — Não posso permitir que sejamos todos mortos por causa das minhas jóias.

— Perdão, minha dama, mas não é somente em jóias que esses

bandidos estão interessados.

— Eu... — Alanis baixou o olhar para a camisola que vestia e, no mesmo instante, sentiu-se corar. — Vou chamar Betsy, sr. Hopkins.

Mas nem bem ela colocara o manto sobre os ombros, a aia se precipitou pela porta, lamentando:

— Que tragédia, minha dama! Que...

Uma segunda descarga atingiu o navio, e os três acabaram no chão. O lampião do imediato se espatifou; Betsy pôs-se a gritar. Enquanto Alanis agarrava uma coluna da cama para se levantar, Hopkins ajudou a criada a se erguer para conduzi-la porta afora. Segundos depois, os três disparavam pelas galerias estreitas que levavam ao convés, tentando ignorar os sacolejos do navio. Alguém trombou com eles.

— Senhor, o capitão McGee se rendeu! O Vípero está nos abordando — informou Matthews, o navegador. — Depressa! Não conseguiremos detê-los por muito tempo!

— O Vípero? O corsário italiano apelidado de Eros? — Alanis se assustou ao lembrar que aquelas alcunhas eram também sinônimas de crueldade e vilania.

— Infelizmente, minha dama — confirmou Matthews. — Não temos nem homens nem armas para enfrentá-lo. Fazia muito tempo que o crápula não atacava navios particulares, já que vinha dando preferência a frotas. Ninguém contava com... isto.

Alanis engoliu em seco ao lembrar as advertências do avô, que fora terminantemente contrário a que a neta viajasse à Jamaica para ir ao encontro do noivo, Lucas Hunter, o visconde Silverlake. Até parecia que o velho duque de Dellamore tinha previsto aquela catástrofe.

Alanis teve a impressão de ouvir novamente as palavras do avô: "Tempo de guerra *não* é época apropriada para uma jovem dama passear por aí. Não tenho como deixar a corte de Sua Majestade neste momento, e se o filho de Denton quer se fazer célebre caçando piratas a serviço da rainha, ele que o faça sem você por perto!".

Bem que ela tentara argumentar com o avô, mas o duque se mostrara irredutível, de modo que só lhe restara recorrer às lágrimas como meio de persuasão. Pois se Dellamore soubesse que a neta na verdade queria percorrer o mundo para descobrir o que era de fato a

liberdade, aí sim, jamais iria concordar com aquela viagem.

Hopkins ordenou a Matthews que preparasse o escaler, em seguida se dirigiu a Alanis:

— Não tenha medo. San Juan está a um dia de viagem. — E antes que o pavor de imaginar-se ao sabor das ondas na calada da noite a assaltasse, segurou-a pelo cotovelo para, com Betsy em seus calcanhares, conduzi-la escada acima.

O panorama no piso superior do navio era dantesco: o mastro da mezena estava em chamas, piratas saltavam de cordas sobre o convés, armas disparavam, metais retiniam, o cheiro de fumaça era insuportável. Com o cuidado de se manter fora do alcance das áreas de confronto, Hopkins levou-as até a amurada do lado direito do galeão. Lá embaixo, em pleno alto-mar, um escaler minúsculo se equilibrava precariamente sobre a turva ondulação das águas agitadas.

— Que o Senhor tenha misericórdia de nós! — rogou Betsy ao olhar para a pequenina embarcação,

— E os demais? E o capitão McGee? — indagou Alanis enquanto o tenente Hopkins a empurrava em direção à escada lateral do navio.

— Desça, minha dama! Já, por favor! — instou Hopkins.

Mas assim que ela fez menção de pisar no primeiro degrau, surgiram cinco piratas às costas do oficial. Um deles agarrou Betsy. Alanis gritou e foi trazida de volta ao convés por outro bucaneiro. Hopkins ainda tentou lutar contra os malfeitores, porém seus esforços foram vãos.

Os três se viram levados para a área do tombadilho onde os invasores, agora no comando da barra do leme, haviam agrupado a tripulação do *Berilo Rosado*. Espremida entre Betsy e os marinheiros, Alanis sentiu as mãos geladas da aia torcerem seus cabelos num coque para enfiá-lo dentro do capuz de seu manto.

— Cubra-se você também, Betsy—avisou, antes de puxar o capuz sobre o rosto.

Em meio à tensão que perpassava o ar enegrecido pela fumaça, os piratas se apartaram para dar passagem a seu comandante. Reprimindo a curiosidade, Alanis baixou a cabeça e se encolheu entre as dobras de veludo do manto enquanto ouvia vozes masculinas falarem com o recém-chegado num italiano célere. O

Rona Sharon - Um Homem Atrevido (CHE 305)

Vípero então se pôs a caminhar por entre os capturados, possivelmente a examiná-los, os saltos de suas botas reverberando pelas pranchas de madeira do convés.

Ele se deteve. Alanis arquejou ao sentir que o patife havia parado bem à sua frente.

— Giovanni, *portami la donna nel cappoto nero* — ordenou ele numa voz grave, pedindo que levassem a jovem com o manto negro.

Quase no mesmo instante, um gigante com um tapa-olho preto se materializou diante dela. Hopkins e Matthews fizeram menção de socorrê-la, mas foram impedidos por braços que ostentavam punhais em riste.

— Deixe-a em paz, seu monstro sem alma! — bradou Betsy. — Ela é neta do duque de Dellamore! Ele irá persegui-lo pelo resto dos seus dias!

O Vípero observou a aia por alguns segundos antes de dizer a um de seus homens que se encarregasse dela:

— Rocca, *tu prendi la piccola serva*. — A seguir deu meia-volta e se afastou.

Tudo o que Alanis viu foi uma sombra tão grande quanto sinistra desaparecer por entre os densos rolos de fumaça.

* * *

Foi só depois de Giovanni tê-la empurrado lá para dentro e fechado a porta pelo lado de fora que Alanis ergueu a cabeça para olhar ao redor.

Iluminado por uma claridade difusa, o camarote do Vípero em nada se parecia com a toca de um bárbaro. Armários laqueados em preto-e-dourado, uma marca registrada dos artesãos venezianos, perfilavam-se junto às paredes; diante dos móveis, poltronas de formas elegantes e canapés estofados, recobertos por cetim purpúreo, formavam uma espécie de sala. Atulhada de documentos e mapas, uma escrivaninha de ébano ocupava o fundo do aposento. À direita, uma grande cama com dossel coberta por uma colcha de seda em vivo escarlate.

Ignorando o calafrio que a visão do espaçoso leito lhe causava, Alanis admirou o antigo brasão que enfeitava o cortinado pendente do dossel. Em preto, prata e púrpura, a insígnia fazia lembrar as

comendas outorgadas aos combatentes das Cruzadas Santas: uma serpente devorando um sarraceno. Pelo visto, o patife não tinha escrúpulos em decorar seu camarote com o produto de suas pilhagens, mesmo que fosse para ostentar um heroísmo e uma grandeza que não lhe pertenciam.

Atrás dela, a porta se abriu e tornou a se fechar com um leve estalido. Com o coração aos pulos, Alanis sentiu alguém se deter a pouca distância de suas costas.

— *Buona sera, madonna.*

As palavras tinham sido como que sopradas por sobre o ombro dela. Calada e cabisbaixa, Alanis ficou prestando atenção ao ruído dos passos que a circundavam. Pouco depois, pernas longas e fortes, protegidas por longas botas de couro negro, vinham se colocar à sua frente.

— Tire esse capuz. Vamos ver esse rosto que você faz tanta questão de esconder. Estou curioso, sabia?

Alanis continuou imóvel. Apesar do forte sotaque italiano, o inglês com que ele se expressava era digno de ser falado diante da rainha.

— Não pretendo lhe fazer mal, quero apenas conversar. Além do mais, ficar falando para um pedaço de veludo negro é um tanto... tedioso.

Ela não moveu um músculo. E de repente o capuz sumiu de sua cabeça.

Embora ofegasse de susto, Alanis ergueu o rosto num gesto voluntarioso. O movimento brusco fez com que seus cabelos, desenredando-se do improvisado coque com que Betsy os protegera, se soltassem numa sedosa cascata loira que lhe chegava à cintura. Ignorando o temor que sentia, ela encarou pela primeira vez Eros, o Pirata.

Surpresa e perplexidade se mesclaram no olhar com que ambos examinavam um ao outro. Enérgicos e reluzentes, os olhos do corsário se estreitaram... como se ele a reconhecesse e buscasse recordar onde e quando a vira. De sua parte, Alanis, que mal prestava atenção aos homens desde que ficara noiva, ainda menina, fazia o que podia para não demonstrar o impacto que lhe causava o belo moreno à sua frente.

Rona Sharon - Um Homem Atrevido (CHE 305)

Um discreto sorriso se insinuou nos lábios dele.

— *Piacere*, — Inclinando a cabeça num cumprimento, Eros se corrigiu: — Melhor dizendo, é um enorme e inesperado prazer.

Mais uma vez Alanis sentiu-se tomada pela impressão de que ele a conhecia. Mas como seria possível? Além do mais, ela certamente se lembraria de tê-lo visto em alguma outra ocasião. Aqueles olhos, intensos e expressivos, eram simplesmente inesquecíveis.

Grossos, luzidios e pretos como azeviche, os cabelos dele estavam presos à nuca por uma tira de couro, o que lhe ressaltava a testa larga, os malaras cinzelados, o nariz reto, o queixo quadrado... Era o mesmo que ver o rosto de um guerreiro esculpido em bronze. A suave cicatriz em forma de meia-lua que ia da têmpora à face esquerda em nada maculava a beleza daquele semblante perfeito, pelo contrário, acrescentava-lhe personalidade e o tornava ainda mais fascinante. Um par de brincos lhe adornava a orelha esquerda: um diamante e uma pequena argola de ouro.

A compleição dele era outro dom digno de nota. Um palmo mais alto do que Lucas, o pirata tinha um físico robusto que parecia irradiar virilidade em estado bruto. Seus trajes denotavam elegância e discricção, uma combinação que os italianos sabiam conjugar com maestria muito antes que os franceses assumissem uma posição de destaque no campo dos modismos. Os ombros largos portavam um casaco preto justo com remates em prata. Na base do pescoço, uma gravata larga, branca como neve, fazia um belo contraste com a pele queimada de sol. Pirata ou não, Eros era absolutamente encantador... E extremamente perigoso, era bom não esquecer.

— *Allora? E* então? — Com um meio sorriso, ele lhe tomou uma mecha de cabelos entre os dedos. — Não vai dizer nada? O gato comeu sua língua?

Alanis tirou seus cabelos da mão dele antes de interpellá-lo:

— O que pretende fazer com meu navio e a tripulação? Se fizer mal à minha aia ou se um único inglês vier a perder a vida...

— Pensei que estivesse mais interessada em saber o que pretendo fazer com você.

— Pouco me importa o que possa fazer comigo. O que me preocupa é o bem-estar das pessoas que me escoltavam.

Rona Sharon - Um Homem Atrevido (CHE 305)

— Sei. — Ele passou o dedo por uma das abas do manto de veludo negro, expondo rufos de musselina. — Isso significa que posso fazer o que bem entender com você?

— É claro que não! — Alanis ajeitou o manto ao redor do corpo para ocultar a camisola.

Bateram à porta. Sem tirar os olhos dos dela, Eros ordenou que entrassem. Eram quatro de seus marujos, que vinham trazer as arcas de Alanis. Tão logo as depositaram no chão, os quatro saíram e tornaram a fechar a porta.

Ela não se conteve:

— Pensei que você tivesse deixado de atacar embarcações de médio porte. Por acaso está passando por dificuldades?

Eros riu.

— Não, minha dama, felizmente. Mas, seja como for, você é, sem sombra de dúvida, a mais valiosa captura que já fiz. A melhor de todas as pilhagens.

Consternada e ao mesmo tempo curiosa, Alanis acompanhou com os olhos o caminhar leve e ágil com que ele se dirigia a uma estante do outro lado da cabine. Bastante justa, a calça preta acentuava a musculatura de pernas esguias; sobre a lateral do quadril igualmente delgado descansava uma adaga curva, com punho de prata, cuja bainha estava presa à faixa de seda escarlate que ele tinha à cintura.

Identificando aquela arma como sendo uma *shabariya*, espécie de punhal oriental, pois seu avô tinha outra igual na biblioteca, Alanis se lembrou de ter ouvido dizer que Eros fora criado na *kasbah* de Argel, a cidadela árabe do porto africano, e possuía notória perícia no manejo de lâminas.

Diante de uma bandeja com taças e uma garrafa de cristal com uma bebida cor de âmbar, ele serviu o líquido em dois cálices.

— Posso lhe oferecer uma dose de conhaque, minha dama?

— Você está abusando da imaginação, se acredita que vou tomar bebida alcoólica na companhia de um pirata sanguinário... para dizer o mínimo. Faça bom proveito!

Após examiná-la por alguns instantes com uma expressão entre admirada e zombeteira, Eros aquiesceu:

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

